

Quando a fama fala mais alto

A questão cultural é componente decisivo na escolha do local da consulta. Brasília é um grande centro médico. Tornou-se referência em muitas especialidades clínicas. Ganhou fama e conquistou a confiança dos pacientes. Por essas razões, gente que chega de todo os lugares do país para receber atendimento no DF sequer procura os serviços de saúde de suas cidades.

A estudante Simone Silva, 26 anos, é um exemplo. Ao menor sinal de doença nos filhos, ela sai de Planaltina de Goiás, percorre 26 quilômetros e vai ao Hospital Regional de Sobradinho. A filha do meio, Kaynara, tem 8 anos e sofre com problemas respiratórios. Apesar de existir plantão diário de pediatras no posto de saúde e no hospital do município goiano, sempre que a garota tem crise é atendida em Sobradinho ou no Plano Piloto. "Lá é melhor", justifica.

Marcos Vieira Cunha, diretor do Hospital Santa Rita de Cássia, único público do município, afirma que esse é um problema recorrente, que a prefeitura vem tentando combater. "Temos plantonistas em diversas especialidades e atendemos 300 pacientes por dia no hospital, além de aproximadamente 500 pessoas no posto 24 horas. O paciente só procura Brasília se quiser", afirma.

De acordo com o diretor, é realizada a média de 150 cirurgias e 120 partos por mês, no hospital. "Vêm gente de várias lugares se consultar aqui. Hoje, também temos o nosso entorno", compara. Joelina de Almeida, 37 anos, é um exemplo desse tipo de paciente. Saiu de Niquelândia, no interior goiano, para fazer um *check up* em Planaltina de Goiás.

Foi de ônibus para a casa de uma irmã, que mora na cidade, e recebeu atendimento no posto de saúde. Após ouvir suas queixas, o médico Manoel Botelho receitou uma bateria de exames, desde hemograma até radiografia de coluna, tórax e endoscopia. "Todos eles podem ser realizados aqui mesmo, com exceção da endoscopia, pois ainda não temos o aparelho", garante o clínico.

O pedreiro Alberto Mazette, 42, preferiu seguir o caminho oposto. Ao ver seu pai, Gelindo Mazette, 76, com crise de pneumonia, nem pensou duas vezes. Seguiu de Planaltina direto para o Hospital de Sobradinho. "Nem posso dizer se o hospital de Planaltina é bom ou ruim, pois nunca estive lá", diz Alberto. Quando questionado por que andou 26 quilômetros com o pai doente em busca de atendimento, simplesmente responde: "Sempre vim para cá".

Outras prefeituras goianas estão centrando esforços para desmistificar a cultura de que só o DF oferece atendimento de qualidade. Santo Antônio do Descoberto, a 44 quilômetros de Brasília, é uma delas. Até o final do ano passado, o único hospital da cidade estava sucateado. Nem o transporte dos pacientes para o DF era garantido. Os funcionários juntavam dinheiro para pagar a gasolina da ambulância. "Por tudo isso, existe gente que tem medo de ser atendido aqui", avalia Florence Elias, administradora do Hospital.

O hospital sequer tinha aparelho de raio-X. "O problema já foi resolvidos", garante. Para casos que necessitam de atendimento especializado, porém, só há um jeito. "O que a gente não resolve manda para lá (DF)", confessa a administradora. Mas há o que comemorar. O hospital já passou por uma reforma e o centro cirúrgico, ainda em reparos, está prestes a entrar em funcionamento. "Vamos ter condições de fazer cesárias", anima-se Florence.

Luiz Caland, secretário de Saúde e vice-prefeito do município, completa que conseguiu aparelhos para ecografias e mamografias. "A tendência é diminuir o número de pacientes transferidos".